

LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos – A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória N° 3168



Aniversariantes dos Meses de Abril e Maio

03/04 - Cleiton Pompeu Curzel
08/04 - Wagner De Bastiani
11/04 - Leonardo Argenta
14/04 - José Valdecir Rocha Gil
22/04 - Maximiliano Evaristo de
24/04 - Hueslei Grison Soares
26/04 - Edson Lazzaretti
28/04 - Tiago Bonadiman
06/05 - Eduardo Jacobsen Guerra
11/05 - Leonardo José Marangon
29/05 - Cristian Cechin Teixeira

Programação Mensal

07/05 - Banquete Ritualístico
14/05 - Sessão Ordinária de A.: M.:
17/05 - Seminário Maçônico
21/05 - Sessão Eleitoral M.: M.:
28/05 - Sessão Ordinária de A.: M.:



COLUNA DO VENERÁVEL MESTRE

Saudações a todos, meus Respeitáveis Irmãos!

Espero que estejam bem e com muita saúde! Esta edição nos remete há um ano atrás, mais precisamente ao mês de maio, quando passamos pela pior catástrofe climática da história do nosso Estado. Foram longos meses de trabalho e auxílio para pessoas de quase todos os nossos municípios. Aos mais novos, que estão chegando agora na Heráclito Victória e que não viveram aquele período, talvez não tenham idéia do quanto nossa Loja trabalhou. Foram meses de atuação constante e diuturna, auxiliando as forças vivas da sociedade, seja com mão de obra, mobilização de contatos ou mesmo na participação do planejamento e execução das diversas ações que foram realizadas. Mas não quero focar nesta parte da história, pois certamente, ainda é muito latente na memória de todos. O que pretendo provocar aqui hoje é o senso de introspecção de cada Irmão da Loja. Minha provocação é que cada um faça uma auto-análise e identifique o que se pode tirar de positivo depois de tudo que passamos e os exemplos que tivemos. O espírito de humanidade foi aflorado em todos que participaram das ações, porém, ele deve ser estimulado cada vez mais e multiplicado por onde um Maçom passar. Durante nossas sessões ritualísticas semanais (aquelas duas horinhas em templo) costumamos prometer levantar templos à virtude e cavar masmorras aos vícios. Pois são nos momentos de verdadeira tensão e calamidade é que somos testados quanto a capacidade de superar nosso orgulho e nossas vaidades. A caridade e o voluntariado não são obrigatórios a ninguém. Porém, se você decidir fazer parte de ações que envolvam tais princípios, entregue-se de corpo e alma, da mesma forma que fizeste quando decidiu ingressar na Ordem. Lembre-se que possivelmente você será a última e maior esperança daquele que necessita de sua ajuda! Esteja preparado para ser o ombro amigo ou a mão estendida, não só aos seus irmãos de Loja mas a todas as pessoas que necessitarem daquilo você possa ter a oferecer!

Um Fraternal Abraço a todos!

Diego Monteiro
Venerável Mestre



A.:R.:L.:S.:
HERÁCLITO VICTÓRIA N°3168

RITO BRASILEIRO
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

A ACÁCIA

IR.: QUILDARE LUCHESE DE ABREU

Ela é tão linda e tão bela...

Sempre me chamou a atenção a música cantada por todos os irmãos durante o tronco de beneficência: “Ela é tão linda e tão bela, aquela acácia amarela, que a minha casa tem...”. Surpreso fiquei ao saber que música e interpretação são do maçom Luiz Gonzaga, o rei do Baião. Assim buscando entender o significado desta emblemática árvore deparei-me com uma rica e milenar trajetória, desde os desertos do Sinai aos vales do Nilo a sua madeira sustentou mais do que tendas, sustentou a fé. Foi com acácia que, segundo as escrituras, Moisés ordenou a construção da Arca da Aliança, um cofre de ouro onde habitava a promessa entre Deus e os homens, assim como o Tabernáculo e a Mesa dos Pães da Propiciação. A sua madeira, considerada incorruptível, tornou-se expressão do espírito dos justos e com os seus ramos os Templários cobriram as cinzas de Jacques de Molay. Ainda hoje, em Paris, no local de seu sacrifício, pode-se ver acácias de grande porte. No Egito antigo, acreditava-se que a vida brotava da acácia, que a deusa Ísis a tocava com os dedos da criação e até os dias de hoje, em diversas culturas, a acácia remete a resistência, força interior que sustenta o homem mesmo quando tudo ao seu redor desmorona, no deserto, rodeada de aridez, calor e vazio, a acácia não é apenas uma paisagem pitoresca, representa assim a vida enfrentando momentos difíceis e resistindo por meio das fortes fibras interiores, não cedendo nem ao tempo nem ao clima inclemente. No coração seco da África vive a Acácia Senegal, provável espécie citada no Êxodo bíblico devido a sua localização mais comum ser justamente a região percorrida pelos hebreus ao longo dos quarenta anos de exílio no deserto. A seiva da Acácia Senegal produz a goma arábica, resina translúcida que desde os tempos antigos serve de elo entre o natural e o sagrado, com ela os egípcios envolviam seus mortos ilustres, selavam papiros e fixavam pigmentos em manuscritos os quais atravessariam os séculos. Devido a sua característica madeira resinosa a acácia tem a propriedade de ser imputrescível, ou seja, não se decompõe, é imperecível, portanto associada desde a antiguidade à imortalidade da alma. Assim o é também na simbologia maçônica. Na acácia tudo é durável, tudo é essencial, não há vaidade, há serventia, resistência e entrega e esta grande lição nos diz que o verdadeiro valor de algo — ou de alguém — não está no brilho aparente, mas no quanto resiste, no quanto serve e no quanto transforma o que toca.



CRÔNICAS 03

A RECEITA DA LOJINHA

IR.: EDUARDO AUGUSTO ROCHA

Engano, corrupção, abuso, estelionato, mentira e ilusão... “Essa é a maçonaria”.

Maçonaria nem sempre é regida pela boa prática da lapidação do caráter, da digna retidão dos atos, e do cumprimento fiel das boas práticas de civismo, amor e respeito.

Interessante, como algumas pessoas boas se deixam enganar pela maçonaria, de certo acham que vão “enricar”, trocar de status social, ganhar vantagem sobre outros, ou acreditam no pote de ouro do outro lado do arco-íris. O que mais causa espanto, é que os dirigentes da maçonaria, sabem das fraquezas humanas, afinal são irmãos experimentados, e mesmo assim abusam da boa-fé dos iniciados incutindo ideais de valores e lisuras ilibadas, e eles mesmos, exploram, roubam, iludem e abusam da confiança dos seus irmãos.

Mas porque então, não sair da maçonaria? Afinal, de nada serve acreditar em uma associação de homens cativos e de má reputação! A maçonaria espúria e apócrifa, é sem dúvida em nosso meio, um dos piores acontecimentos na vida de quem acredita estar na Verdadeira luz. Sabem de onde nasce, e qual a vertente primaz, para o surgimento de uma loja ou potência espúria?

A vaidade e o ego ferido de um homem que já foi um grande e ilustre irmão.

Toda loja ou potência não reconhecida, certamente tem sua origem em um, ou mais irmãos que não se sentem valorizados, acariciados, prestigiados em sua loja mãe, e não conseguem conviver com a resiliência de ser somente um irmão do quadro. Seu egocentrismo, seu desejo de ser “o cara” ou “o tal” muitas vezes é abafado pela capacidade de outros irmãos da loja, que ocupam cargos, realizam boas tarefas, e são verdadeiramente elogiados... Se não me chamam para o time de futebol do campinho, eu pego a minha bola e vou embora! E realmente vão...

Irmãos feridos em seu ego, que se deixam levar pela vaidade, não medem esforços para montarem uma grande estrutura maçônica FAKE, templos rústicos, decorações mínimas, rituais absurdos, obsoletos, fantasiados à sua maneira, afinal, agora ele é o “Sereníssimo Potentoso Grão e Soberano Mestre” geralmente escolhem nomes grandiosos, afim de mascarar a própria falta de caráter.

Encontram então, pelo caminho, homens livres de bons costumes, e sem ideia do que é a maçonaria regular, legal e legítima, tornam-se cativos, de uma loja que lhes oferece pouca luz, baixo conhecimento, ínfimo convívio maçônico, mas parcos e vultuosos boletos, taxas e obrigações... e “ai” de quem ouse questionar o “Alecrim Rei...”. Promessas de castigos, multas e expulsões (risos) ah váhhh! Duvido! E acabar com a receita da lojinha? Nunca!

Há pouco, estivemos em uma missão de resgate, uma ação social maçônica na busca de trazer à verdadeira luz, alguns desses cativos. Homens bons, que estavam convivendo na solidão solidária de uma loja espúria. Uma aventura que começa desde a aproximação, pois dada as proporções, são como índios amazônicos que ainda não tiveram contato com o homem branco (risos), mas tudo certo... O primeiro choque de realidade já foi dado. Desanimo e inquietude tomam conta dos corações, mas uma coisa é certa: estão livres das amarras ideológicas furadas de um lunático mal caráter. A caixa de Pandora se abriu, e o que tem dentro dela nem é tão horrível assim, basta saber que, o que foi encontrado nela, é a esperança de enfim, começar a lapidar e desbastar a pedra bruta, agora às claras. Junto ao convívio de inúmeros irmãos que estão prontos a auxiliar, dividir e conquistar.

Mas e os boletos? Ah, claro! Também faz parte na receita da lojinha! (risos)

DIDEROT EM LOJA: UM ILUMINISTA NO RITO BRASILEIRO

IR.: ANDRÉ GIRARDI DALATHÉA

Pensando em uma madrugada insone, lendo sobre o Iluminista francês Dênis Diderot (1713-1784), me pus a pensar o quanto seria interessante se ele, atemporalmente, fosse remetido para o século XXI, e como um maçom do Rito Brasileiro, desse um discurso em Loja. Penso que seria algo no mínimo interessante e imagino algo que deixa minha mente transcrever essa cena:

“Venerável Mestre, Primeiro e Segundo Vigilantes, Respeitáveis Irmãos:

Permitam-me, neste templo de piso preto, mas com um mosaico ao centro, que acolhe a luz da razão e da fraternidade, trazer algumas reflexões que ecoam do século XVIII, mas que hoje ganham nova forma sob os auspícios do Rito Brasileiro em pleno século XXI. Fui, em minha época, um apaixonado pela liberdade de pensar. Lutei com a pena contra os grilhões da ignorância, a censura da tirania e os dogmas que aprisionam o espírito humano. Hoje, reencontro-me entre Irmãos do Rito Brasileiro, que partilham do mesmo ideal: construir um homem livre, pensante e moral, alicerçado na tríade maçônica de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

O Rito Brasileiro, com sua ênfase na cultura nacional, no progresso humano e na construção de uma sociedade mais justa, me é profundamente caro. Nele vejo uma continuidade do espírito enciclopédico: reunir saberes, valorizar a razão, mas também reconhecer a importância dos símbolos, dos rituais e da introspecção como formas de elevar o homem.

Em minha obra Jacques, o fatalista, ousei sugerir que o homem não é escravo do destino, mas que suas escolhas — ainda que inseridas num contexto complexo — revelam sua liberdade interior. Aqui, nesta oficina, vejo os Irmãos como artífices de seus próprios destinos, desbastando a pedra bruta para que se revele a virtude oculta. Lembro-me agora mesmo, na noite que lí a divisa “Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem” e doravante, nunca mais pensei igual.

Se na minha Enciclopédia busquei libertar o saber das elites e disseminá-lo entre os homens, vejo que a maçonaria do Rito Brasileiro busca algo similar: formar homens conscientes de seus deveres cívicos, éticos e sociais. A luz que buscamos ao oriente não é apenas mística; é também a chama da razão, da ciência, da justiça e do humanismo.

Enquanto obreiro deste rito cívico e nacional do Brasil, defenderei com ardor a educação laica e universal, pois, onde o saber floresce, a tirania se retira. Insisto na valorização do pensamento crítico, pois é através dele que desmascaramos os falsos profetas e nos livramos das correntes da ignorância.

O Rito Brasileiro, como o saber, deve ser revolucionário em seu silêncio e em sua ação discreta. A transformação do mundo começa no templo interior de cada um de nós — na lapidação diária dos vícios, na promoção do bem comum, no compromisso com a verdade, mesmo que ela nos seja incômoda. Lembrarei sempre da terceira parte de algo que me fora explicado e só nós sabemos.: UM APELO À FRATERNIDADE.

Portanto, respeitáveis Irmãos, que sejamos, como diria outrora, não apenas leitores do mundo, mas também seus redatores. Que não nos contentemos em repetir os símbolos, mas que os vivamos. Que não nos limitemos a reverenciar os grandes homens do passado, mas que nos tornemos, por nossa conduta, dignos de ser lembrados no futuro.

Que a razão seja nossa espada, a moral nosso compasso, e a fraternidade nosso cimento sempre honrando a nossa gravata bordô.”



HERÁCLITO VICTÓRIA, 27 ANOS

IR.: TIAGO DALAN

Fundada em 1º de maio de 1998, a Augusta e Respeitável Loja Simbólica Heráclito Victória Nº 3168 se tornou, ao longo de quase três décadas, uma referência de excelência maçônica no Oriente de Caxias do Sul e no Estado do Rio Grande do Sul. Sua criação, sob os auspícios do Grande Oriente do Brasil (GOB), marcou não apenas a expansão do Rito Brasileiro na região serrana, mas também o surgimento de um espaço dedicado à formação humana, ao estudo simbólico e ao fortalecimento da fraternidade entre os obreiros.

A escolha do nome da Loja é uma homenagem a uma grande personalidade da Maçonaria. Embora informações detalhadas sobre a vida pessoal de Heráclito Victória sejam escassas nos registros disponíveis, sua importância para a Loja é evidenciada pelo fato que ele foi um exemplo de liderança e dedicação aos princípios maçônicos, servindo como inspiração para os membros da ARLS Heráclito Victória nº 3168.

Em 1981, durante a fundação do Grande Oriente Estadual Sul Rio-Grandense (GOESUL), Heráclito Victória foi convidado a integrar a administração provisória, assumindo o cargo de Tesoureiro. Sua atuação foi crucial para a consolidação dessa nova unidade maçônica, enfrentando desafios e contribuindo para o fortalecimento da Maçonaria no estado. No ano de 1991, Heráclito foi eleito Grão Mestre Adjunto desta mesma Potência e se tornou um destacado maçom brasileiro que desempenhou um papel fundamental na consolidação da Maçonaria no Rio Grande do Sul

Do ponto de vista simbólico o nome também tem uma importância significativa: Heráclito, o filósofo pré-socrático de Éfeso, é conhecido por seu pensamento dinâmico, marcado pela ideia de que “tudo flui” (panta rhei). Para os fundadores, essa visão representava o ideal de constante transformação e renovação que deveria guiar os trabalhos maçônicos. O termo “Victória”, incorporado ao nome, evoca a superação, o êxito moral e a conquista do autoconhecimento.

Do ponto de vista histórico, desde sua primeira sessão, a Loja assumiu o compromisso com a prática regular, com a elevação do padrão ritualístico e com o cultivo do pensamento filosófico, características que a tornariam conhecida por sua seriedade e marcialidade ritualística, bem como pelo fraterno acolhimento a todos os Irmãos e visitantes.

Os primeiros sete anos foram dedicados à consolidação da identidade da Oficina. Com sessões semanais regulares, um calendário de estudos simbólicos e filosóficos bem estruturado, e um espírito fraternal sólido entre seus membros, a Heráclito Victória rapidamente se destacou na região. Neste período, a Loja atuou também como agente de aproximação entre diferentes Lojas da Serra Gaúcha, participando ativamente de sessões conjuntas, intercâmbios e eventos organizados pelas potências regulares.



A segunda década da Heráclito Victória foi marcada por um salto qualitativo. Sob a liderança de Mestres comprometidos, a Loja passou a acolher um número crescente de novos iniciados, consolidando uma cultura interna de acolhimento, formação e disciplina ritualística. Durante esse período, diversos Irmãos da Loja foram elevados aos Altos Graus, passando a integrar Corpos Filosóficos e contribuir para a fundação de novas estruturas e corpos da Maçonaria, especialmente das Ordens Inglesas.

Além disso, as colunas da Heráclito Victória sustentaram iniciativas sociais voltadas à comunidade local, como campanhas de arrecadação de alimentos, apoio a instituições de caridade e envolvimento em ações

filantrópicas da Maçonaria gaúcha.

Com a chegada da pandemia de COVID-19, a Heráclito Victória enfrentou o desafio de manter seus laços e atividades durante um período de distanciamento. Demonstrando resiliência, a Loja implementou sessões híbridas e adaptou suas práticas a novos formatos, garantindo a continuidade da instrução, do acolhimento e da solidariedade.

Recentemente, no ano de 2024, a Loja foi agraciada com a visita do Sapientíssimo Grão-Mestre Geral Adjunto do GOB, Adalberto Aluizio Eying, e do Grão-Mestre Estadual do GOB-RS, Marco Antônio Aronne de Abreu. A ocasião reforçou a relevância estratégica da Heráclito Victória no contexto da Maçonaria brasileira.

A história da Loja Heráclito Victória é, sobretudo, a história de homens que compreenderam a importância do Templo interior, do estudo da simbologia e da ação moral no mundo profano. Sua jornada ao longo de 27 anos é marcada por continuidade, firmeza e fidelidade aos princípios que a originaram.

Hoje, com uma base sólida e renovada de irmãos, a Loja continua sendo um espaço de aprendizado, fraternidade e busca pela verdade. Sua vocação filosófica segue viva — não como um conceito abstrato, mas como prática diária de construção de um mundo mais justo, ético e fraterno.

A Augusta e Respeitável Loja Simbólica Heráclito Victória N° 3168, do Oriente de Caxias do Sul, eleva ao Oriente Eterno sua mais sincera gratidão ao Supremo Arquiteto do Universo pelos 27 anos de luz, fraternidade e sabedoria que vêm sendo cultivados desde sua fundação, em 1° de maio de 1998.

Celebramos este mês o legado de todos os Irmãos que, com amor à Ordem e zelo à tradição, consagraram suas energias à edificação deste templo simbólico e humano. Reconhecemos com reverência o valor de cada obreiro que, com humildade e dedicação, sustentou esta Loja em tempos de bonança e de provação.

Que este aniversário seja ocasião de renovação de votos, de reafirmação dos nossos ideais e de esperança no porvir. Que o Supremo Arquiteto do Universo continue a abençoar esta Loja, seus obreiros e suas famílias.

Heráclito Victória N° 3168: que sua estrela continue a brilhar com vigor no Oriente de Caxias do Sul e a projetar sua luz por todos os Orientes.



OS MAÇONS E OS TIPOS DE MAÇONARIA

IR.: CRISTIAN RIZZARDI

Quando somos iniciados, pouco ou quase nada sabemos sobre a Ordem. Como nasceu, como se formou, de que maneira se adaptou ao longo do tempo.... Nada sabemos.

São necessários alguns anos de entendimento de “onde estamos” para entender de “onde viemos” e para “onde vamos”. Particularmente, fui entender um pouco melhor sobre o que eram as potências e ritos, 2 anos após minha iniciação, e por estudo que decidi empreender. São temas pouco ou nada explorados na grande maioria das lojas. Mas tem coisas que não estão escritas em lugar algum. Coisas, que apenas o tempo de ordem e MUITA OBSERVAÇÃO, conseguem responder. E para chegar nas respostas, é necessário sair da caverna (Loja) onde estamos. E ir para o mundo ver as outras lojas, outros ritos, outros sistemas (potências)de trabalho, leis, deveres e direitos.

Depois de alguns anos observando, estudando e lendo muito, nossa visão até então extremamente pobre e míope do que significa “maçonaria” começa a ampliar. A “maçonaria” tem uma representatividade genérica para o grande público. Mas para o maçom, há sim dezenas, para não falar, centenas de tipos de maçonaria. E não no sentido pejorativo, mas sim no sentido de características e afinidades. Não é por acaso, que a gênese de nosso movimento, se deu por lojas de ofício. E por afinidade, sapateiros eram iniciados em lojas de sapateiros, carpinteiros da mesma forma, advogados da mesma forma, relojoeiros, carvoeiros, trabalhadores e artesões de diferentes categorias e classes, e assim por diante.

Apesar da maçonaria de ofício ter perdido a força de outrora, ainda temos lojas que se distinguem entre si pela afinidade profissional de seus membros. Em nossa pequena aldeia maçônica (Oriente de Caxias do Sul-RS) vimos Lojas nos anos 1980, se reunirem desta forma. Um exemplo disso é a ARLS Fraternidade IV (REAA-GORGS), que chegou ter grande parte do quadro de obreiros, irmãos oriundos das forças militares e policiais. E assim outras lojas, tinham as suas características. Mas vamos mais longe...

Cada rito tem a sua peculiaridade... Cada potência, suas obrigações, diretos e deveres. E não tem nada de errado em termos potências com usos e costumes diferentes da potência de cada irmão. A “graça” de estudar, está justamente nisso, nas diferenças. E ai... existe mais de um tipo de maçonaria? A resposta é SIM. Não confunda os ideais da ordem (que são uniformes à qualquer maçom de potência regular e reconhecida) com usos e costumes de cada rito, loja ou potência. O maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, entende a caminhada maçônica de uma maneira. Já o obreiro do Rito Brasileiro, entende de outra. As leis de obrigatoriedade de presença variam de uma potência para outra. Em uma a lei pode ser mais rígida que a outra. Mas isso não faz os maçons serem “mais maçons” do que outros. São apenas características.

No decorrer da caminhada, vamos descobrindo os tipos de maçons e os tipos de maçonaria que existem. Não raras vezes, somos nascidos em uma loja, e com o passar do tempo, descobrimos que a nossa casa, é outra. Com quantos dos irmãos leitores isso ocorreu? Com muitos, não é mesmo? Dessa maneira, pelo “tipo de maçonaria” que a Loja A pratica em relação à loja B, é que nascem as características das Lojas e as afinidades que reúnem seus obreiros. Algumas lojas muito voltadas para a filantropia, outras para o estudo, e assim por diante.

E só consegue chegar neste tipo de conclusão, o maçom que consegue romper a barreira dos seus primeiros 5-10 anos de ordem. Quando logramos êxito nesta primeira etapa, conseguimos entender o segredo da perenidade na ordem. E talvez isso, dobre nosso tempo de casa sem que a gente perceba tacitamente. É isso que nos faz, estender (ou não) o convite para algum amigo adentrar na nossa casa, na nossa Loja. E é isso que nos faz perceber que um amigo pode ser mais feliz na casa ao lado do que na nossa, e vice versa.

E você meu irmão, que tipo de maçom você é? E que tipo de maçonaria você gosta de praticar?

MITOLOGIA NOS TEMPOS ATUAIS OS DEUSES AINDA ESTÃO AQUI

IR.: DANIEL SOZO

1. Mitos não Morrem, eles mudam de rosto

É comum achar que mitologia ficou lá atrás, em tempos de templos e sacrifícios ou entre deuses com nomes difíceis e histórias antigas. Mas os mitos nunca desapareceram. Eles só tomaram novas formas. Mesmo agora, rodeados por telas, algoritmos e tecnologia, continuamos voltando às mesmas perguntas que moviam nossos ancestrais:

“Quem somos? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos quando tudo acaba?”

A mitologia vive nessa busca. Não para entregar verdades absolutas, mas para dar forma às nossas incertezas.

2. Antigos arquétipos, novas narrativas

Se pararmos para observar as histórias que mais nos emocionam hoje — no cinema, nos livros, nas séries — veremos rostos familiares:

- O herói que não queria ser herói, mas precisa enfrentar algo maior que ele.
- A figura sábia que aparece no momento certo para guiar.
- O vilão seduzido pelo poder e tragado por ele.

De “Matrix” a “Harry Potter”, de “O Senhor dos Anéis” a “Star Wars”, os padrões míticos seguem vivos, disfarçados de ficção, mas falando diretamente ao que há de mais humano em nós.

3. As redes sociais e o teatro dos Deuses

Nas redes, jogamos outro tipo de narrativa, igualmente antiga:

- Alguns viram ídolos. São seguidos e adorados ou até mesmo idolatrados.
- Outros são alvos de punições públicas, como nos rituais de expiação de outrora.
- Existem os “escolhidos”, os “caídos”, os “renascidos” — e o ciclo se repete, como em um drama sagrado, só que agora em tempo real.

A estrutura mitológica permanece, mesmo que o palco tenha mudado. O Olimpo está em nossos feeds.

4. Mitos também movem nações

A política moderna, em todas as partes do mundo, se alimenta de mitos fundadores e muitos vivem essa condição:

- O salvador que resgata o povo.
- O Inimigo que ameaça o equilíbrio.
- A promessa de uma era dourada.

Nomes, rostos e slogans mudam, mas o enredo se mantém. É o mito usado como ferramenta de identidade coletiva e direção simbólica.

5. E no fundo, o mito está em cada um de nós

Você pode nunca ter subido num cavalo para enfrentar monstros, mas talvez já tenha encarado medos enormes, dado voltas em labirintos emocionais ou recomeçado a vida após uma queda, ou várias. Cada fase difícil, cada escolha que exige coragem, cada transformação pessoal — tudo isso tem estrutura de mito. A jornada não é apenas do herói da história: é sua também.

Mitos são faróis, não ruínas.

Mitos continuam nos guiando porque nos ajudam a dar nome àquilo que sentimos, mas nem sempre sabemos dizer. Eles apontam direções, oferecem sentido, nos conectam com algo maior do que a pressa do dia a dia.

Não vivemos sem mitos. Apenas escolhemos quais contamos, e com quais convivemos.

“Os mitos são eternos não porque são antigos, mas porque são verdadeiros de um modo que a lógica não alcança.”

SÃO JOÃO – O NOSSO PADROEIRO

PARTE 2

IR.: GABRIEL BESTEIRO

IR.: GILMAR GALIOTTO

IR.: RODRIGO ONZI

Origens Operativas

Antes da Maçonaria se tornar a instituição especulativa e simbólica que é hoje, era composta de guildas de pedreiros operativos. Tais guildas medievais frequentemente adotavam santos padroeiros para proteger e guiar os seus membros. É também de consenso histórico que as guildas medievais celebravam com banquetes reuniam-se na data correspondente ao patrono. Os dias de banquete e celebração das guildas de maçons operativos eram os dias 24 de junho e 27 de dezembro. Essas datas se alinham com os solstícios de inverno e verão, revelando uma clara referência ao significado imbuído destas datas e a sua ligação com o trabalho maçônico (operativo e especulativo).

Ainda não fora apresentada nenhuma explicação satisfatória porque os Maçons operativos adotaram São João Evangelista e São João Batista como padroeiros. O fato é que, a escolha dos Maçons para estes santos como padroeiros é fartamente documentada e debatida a partir dos textos ingleses. A história das Worshipful Companies que depois se tornaram Livery Companies e existem (em partes) até hoje, nos conta um pouco sobre como as guildas medievais escolhiam seus patronos. Os Pescadores e Vendedores de peixe (“fishmongers”) escolheram como seu patrono São Pedro – um pescador. Os guardas escolheram como seu padroeiro São Mateus, que na sociedade inglesa da época era a representação de vigilância e proteção (por ser o apóstolo que foi responsável por proteger os ensinamentos de Cristo). E assim, as guildas de trabalhadores escolhiam patronos que representavam o ofício que desempenhavam, ou patronos que fossem símbolos de virtudes importantes para o grupo. Por volta de onze ou mais guildas inglesas da Idade Média escolheram João Batista como seu patrono, diversas outras escolheram São João Evangelista. O que se encontra em comum entre essas companhias é que todas eram guildas de pedreiros. É notável que a escolha de São João como santo padroeiro das associações de trabalhadores da idade média é uma referência simbólica, dentre as 12 (ou 18) grandes Livery companies da cidade de Londres, atualmente 6 tem como santo padroeiro – São João Batista. Dentre elas a Worshipful Company of Stonemasons formada em 1376 e diretamente ligada as guildas medievais de pedreiros que deram origem à Maçonaria Operativa inglesa.

Referências históricas

Manuscritos da era operativa

Desde o século XIV há indícios e referências históricas ligando São João como uma figura importante e como patrono dos maçons, direta ou indiretamente. Documentos como O Poema Regius (por volta de 1390), O Manuscrito Cooke (por volta de 1410) e Os estatutos de Schaw (1598-1599) embora não tratem diretamente do tema “São João” ou façam referências explícitas a alguma celebração, abordam as diretrizes morais e éticas que são a base das virtudes posteriormente referenciadas nos textos maçônicos e associadas com os santos de nome João.

Minutas da Loja de Edimburgo (Mary’s Chapel)

As minutas da Loja de Edimburgo, além de estarem entre os mais antigos e bem documentados registros de uma Loja, também são documentos cruciais para entender a maçonaria escocesa. Estes documentos carregam o contexto histórico, registram a evolução das tradições maçônicas e descrevem contextos organizacionais da Loja, como questões relacionadas aos membros, cargos e celebrações. Nestes textos há referências diretas à importância do “Dia de São João”, que é referenciado como “a data em que os Vigilantes devem ser eleitos”, entre outras diversas referências de celebrações ou deveres administrativos que eram registrados nesta data.

O Manuscrito nº4 de Dumfries (1710)

Parte das Old Charges este manuscrito é escrito em forma de catecismo, contém o texto da obrigação de aprendiz, instruções sobre o templo, sobre a conduta, moral e ensinamentos simbólicos. Neste documento, também são referenciadas as “Lojas de São João”, que vemos até hoje em nossos rituais.

A constituição de Anderson (1723)

Compiladas por James Anderson, este documento contém os deveres, regulamentos e história da Maçonaria. Formalmente estabelece os dias de São João Batista e São João Evangelista como dias de celebração ou de significativa observância no calendário maçônico.

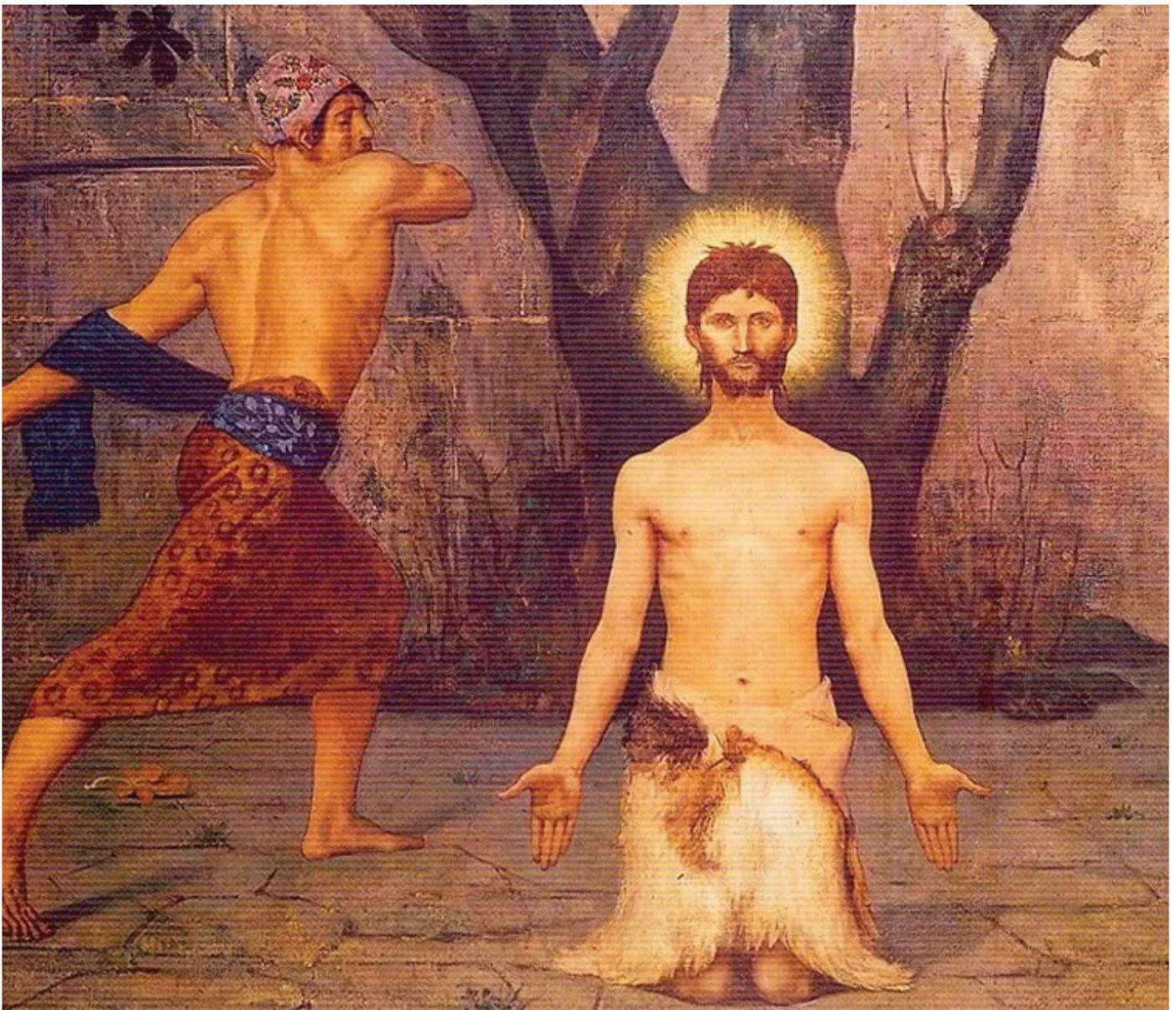
Marcos históricos

A Formação da Grande Loja da Inglaterra (1717)

Ainda que não se possa marcar como uma data única, a transição de maçonaria operativa para maçonaria especulativa e o nascimento da maçonaria moderna são associados à formação da Grande Loja da Inglaterra. Quatro Lojas independentes que operavam em Londres e Westminster, com seus próprios rituais e práticas, unificaram-se dentro de um único corpo que padronizaria as práticas maçônicas e fortaleceria os laços fraternais. Os banquetes do dia de São João, em 24 de junho e 27 de dezembro eram comuns entre as lojas da época, e foi no dia 24 de junho de 1717 (dia de São João Batista) que a Grande Loja de Londres e Westminster foi fundada. Após a fundação desta Grande Loja e a adoção de práticas mais “universais”, se tornou comum observar a fundação de Lojas com o seu nome dedicado a São João.

O discurso de Ramsay (1730)

Em 1730, o Chevalier Ramsay proferiu um discurso sobre a maçonaria e neste ele cita a ligação entre a origem da maçonaria e os Cavaleiros Hospitalários, também conhecidos como Ordem de São João de Jerusalém. Em alguns contextos da literatura maçônica, este discurso e essa ligação são baseados para referenciar-se a São João de Jerusalém como o patrono da maçonaria.



O MAÇOM DO RITO BRASILEIRO: TRADIÇÃO, EVOLUÇÃO E COMPROMISSO COM A PÁTRIA

IR.: CRISTIAN CECHIN TEIXEIRA

Sabemos que maçonaria é tradição pura em sua essência e não deve se dobrar às modas, mas nem porém deve congelar no tempo. Desde que foi institucionalizado em 1914 por Lauro Sodré, o Rito Brasileiro surge conciliando e honrando o legado maçônico universal em seus usos e costumes com a evolução e constante transformação que a sociedade atual exige. Na tradição sustenta-se nos antigos deveres, e na evolução busca-se o aperfeiçoamento contínuo e compromisso do maçom com os desafios de seu tempo. O Rito Brasileiro nasce especialmente teísta, reconhecendo o sagrado como origem da vida, e sendo a fraternidade o elo que une todos os homens.

O Rito Brasileiro é uma jornada que ensina que toda fé deve ser iluminada pela razão, o nacional une-se ao universal e forma maçons não apenas comprometidos com seu aperfeiçoamento interior, mas com a construção de uma sociedade muito mais justa e solidária. Em toda a caminhada maçônica há o convite ao equilíbrio entre passado e futuro, entre a introspecção e a ação, pois o maçom não deve ser frio e inerte, mas a contrário, para ser completo precisa ser educado, ativo, estudioso, ser verdadeiro e possuir um espírito público. Além de compreender os fins maçônicos é fundamental querer executá-los. É ensinado que há momentos em que deve-se ouvir e ver mais do que falar, reconhecendo que o silêncio e a meditação são pilares importantes, mas nunca usar do silêncio para encobrir o erro. Sua voz é ativa na sociedade e não deve nunca calar-se frente à injustiça e à corrupção dos valores, e que há de ser tolerante, mas nunca deve-se tolerar o mal intencional.

O Rito Brasileiro não busca as retóricas dentro de seus templos, mas busca, acima de tudo, desenvolver cada iniciado como um trabalhador pela humanidade, um cavaleiro em busca dos valores de liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens. É convocado a tornar-se um missionário dos valores do Rito, tornando-se um guardião em defesa da ordem, pátria e humanidade. Pois a espada do maçom do Rito Brasileiro é o caráter, sua armadura é a ética, e a luz é a sua consciência.

Ser maçom do Rito Brasileiro é ser eficiente na propagação dos ideais da ordem, compreendendo que a obra não limita-se ao interior do templo mas na sociedade, entendendo que tradição e evolução são complementares, pois somente honra a tradição quem sabe de onde veio e só constrói o futuro quando sabe para onde se vai, pois o verdadeiro trabalho só começa quando o ritual termina.

C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA
Presidente da Comissão
Ir.: Cristian Rizzardi

Membros

Ir.: Daniel Sozo

Ir.: Eduardo Augusto Rocha

Ir.: Alexandre de Lavra Pinto

Ir.: Júlio César Zambiasi

Ir.: Vinicius Bernardi

Expediente:
Redação - Cristian Rizzardi
Diagramação - Júlio César Zambiasi
Logotipo - Gabriel Besteiro